

PLAYLISTS EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID19: NARRATIVAS DE EDUCADORES E EDUCADORAS MUSICAIS INTEGRANTES DE UM GRUPO DE ESTUDOS¹

■ MARIA CECILIA DE ARAUJO RODRIGUES TORRES

<https://orcid.org/0000-0003-0617-8304>

Centro Universitário Metodista/IPA

RESUMO

Este artigo apresenta e analisa narrativas de *playlists* de cinco educadores musicais e integrantes de um Grupo de Estudos em Educação Musical (GEEM), que teve como objetivo conhecer as seleções musicais dos colegas, assim como o significado dessas escolhas e do trabalho como professores de música em tempos da pandemia da COVID-19. Foram quatro tarefas para os participantes responderem por *e-mail* e a proposta foi ancorada nos campos da pesquisa (auto)biográfica e da educação musical, com narrativas de si e teve em seu embasamento autores como Passeggi (2008), Abreu (2017), Delory-Momberger (2012), entre outros. A primeira tarefa foi enviada em maio e o final da análise e escrita deste trabalho aconteceu no final de julho. As narrativas desvelaram *playlists* ecléticas, com estilos, épocas, sentimentos, sonoridades, assim como movimentos que esses educadores fizeram para criar e reinventar outros modos de fazer, ensinar e compartilhar músicas.

Palavras-chave: Pesquisa (auto)biográfica. *Playlist*. Educação musical.

ABSTRACT

PLAYLISTS IN PANDEMIC TIMES AT COVID19: NARRATIVES BY MUSIC EDUCATORS AND MEMBERS OF A STUDY GROUP

This article presents and analyzes playlists' narratives of five music educators and members of a Music Education Study Group, which aimed to learn about the musical selections of colleagues, as well as the meaning of these choices and the work as music teachers

¹ Agradeço e dedico este artigo aos colegas integrantes do Grupo de Estudos em Educação Musical (GEEM) do IPA, e, de modo especial aos Prof. Lu e Alfredo e às professoras Maria, Maria Rosa e Cyreste. Sem a vontade e a generosidade de vocês de contarem e compartilharem as escolhas musicais em tempos da COVID-19, não haveria este trabalho. Gratidão!

in times of music. pandemic sun covid19. There were four tasks for the participants to answer by email and the proposal was anchored in the fields of (auto) biographical research and music education, with self-narratives and based on authors such as Passeggi (2008), Abreu (2017), Delory- Momberger (2012), among others. The first task was sent in May and the end of the analysis and writing of this work happened in late July. The narratives unveiled eclectic playlists, with styles, times, feelings, sounds, as well as movements that these educators made to create and reinvent other ways of making, teaching, and sharing music.

Keywords: (Auto)biographical research. Playlist. Music education.

RESUMEN

LISTAS DE REPRODUCCIÓN EN TIEMPOS DE PANDEMIA EN COVID19: NARRATIVAS DE EDUCADORES MUSICALES Y MIEMBROS DE UN GRUPO DE ESTUDIO

Este artículo presenta y analiza las narraciones de las listas de reproducción de cinco educadores musicales y miembros de un Grupo de estudio de educación musical, cuyo objetivo era aprender sobre las selecciones musicales de colegas, así como el significado de estas opciones y el trabajo como maestros de música en tiempos de la música. pandemia sol covid19. Hubo cuatro tareas para que los participantes respondieran por correo electrónico y la propuesta se basó en los campos de la investigación (auto) biográfica y la educación musical, con auto-narraciones y basadas en autores como Passeggi (2008), Abreu (2017), Delory- Momberger (2012), entre otros. La primera tarea se envió en mayo y el final del análisis y redacción de este trabajo ocurrió a fines de julio. Las narraciones revelaron listas de reproducción eclécticas, con estilos, tiempos, sentimientos, sonidos, así como los movimientos que estos educadores hicieron para crear y reinventar otras formas de hacer, enseñar y compartir música.

Palabras clave: Investigaciónn(Auto)biográfica. Playlist. Educación musical.

Abertura

Considero importante neste preâmbulo das narrativas das *playlists* de colegas educadores musicais contextualizar de que lugar eu falo e faço estas narrativas. São quase 20 anos desde que comecei a conhecer e a adentrar o campo de trabalho da pesquisa (auto)biográfica com a educação musical e, desde então, tenho par-

ticipado de eventos, feito leituras e pesquisas nesta perspectiva, trabalhando com entrevistas narrativas e mesclando os campos da educação e da educação musical.

Nos limites deste trabalho, trago narrativas de um grupo de educadores musicais, músicos e artistas que são integrantes de um Grupo de

Estudos em Educação Musical (GEEM), ligado ao curso de licenciatura em Música do IPA, uma Instituição de ensino superior na cidade de Porto Alegre (RS). Durante o ano de 2019, iniciamos leituras de pesquisas de autores das narrativas (auto)biográficas e escrita de memoriais de formação como “Memoriais: Injunção Institucional e sedução Autobiográfica (PASSEGGI, 2008), “Memorial acadêmico de uma professora universitária: sentido e significado” (BOLSANELLO, 2017), “Reflexões de si: Experiências de escrita do memorial de formação” (PEREIRA, SILVA e MOTA, 2018); “Memorial e formação de professores: histórias da Região Sudeste do Estado de Goiás” (MACHADO e FILHO, 2016), dentre outros materiais, no sentido de conhecermos e discutirmos aspectos constitutivos dos memoriais descritivos como requisitos para a seleção em concursos para docentes universitários e ingresso em mestrados e doutorados.

Considero pertinente situar também alguns conceitos de *playlist* nos limites deste trabalho, que segundo Santos (2017), em artigo que realiza uma revisão bibliográfica desse conceito e no qual o autor ressalta que “o uso cotidiano assegura à *playlist* um espaço no senso comum das práticas de audição”, complementando que

O objetivo deste trabalho é problematizar o conceito de *playlist*, justamente tentando evidenciar que elementos, para além da operação do software e da ação de apertar o play, estão associados à essa concepção. Busca-se, portanto, responder quais as definições de *playlist*, quando se referem à audição musical. (SANTOS, 2017, p. 1)

Santos (2017, p.2) prossegue em sua pesquisa com a revisão bibliográfica e argumenta que “como parte de um estudo contínuo sobre a *playlist* na contemporaneidade, pensa-se na articulação entre concepções sobre sua produção, as narrativas que a envolvem e as formas de consumo [...]”.

Ainda no sentido de trazer concepções de *playlists* relacionadas a este trabalho, destaco o excerto de Gallego Pérez (2015) ao evidenciar que

Se, na era analógica, a compilação de músicas em fitas k7 era o formato para compartilhar gosto e introduzir suas bandas favoritas para amigos e familiares, as *playlists* digitais são associadas aos serviços de streaming que facilitam esse trabalho. Esse formato de programação, relacionado ao esforço do usuário em escolher uma variedade de músicas, permite aos indivíduos seguir em tempo real as músicas ouvidas por amigos quando ouvidas. (GALLEGO PÉREZ, 2015, p. 203)

Ressalto ainda que de maneira especial essas questões foram desveladas para os colegas educadores musicais que participam desta pesquisa e que estão usando as *playlists* digitais para seus trabalhos como professores e artistas em diversos segmentos, assim como para muitos outros momentos de suas vidas durante essa pandemia da COVID-19.

Um passo seguinte do trabalho no GEEM foi a proposta de escrita e socialização dos memoriais por parte dos colegas, com comentários e sugestões por parte dos integrantes e leitura de tópicos desse material nas reuniões do grupo. No meio deste processo de escrita dos memoriais, que levou alguns meses, propus um exercício de rememorar e narrar as *playlists* da época da juventude, com comentários sobre suas escolhas e momentos significativos de suas vidas amalgamados às escolhas musicais. Foi um trabalho de juntar pedacinhos, de ouvir o outro. Nessa perspectiva, trago um excerto de Louro (2016), no qual a autora pontua que:

Muitas pessoas têm memórias sobre músicas que foram significativas em suas vidas; algumas narram tais memórias e poucas, dentre estas, fazem de tais lembranças um processo de reflexão na construção das pesquisas que desejam realizar. (LOURO, 2016, p. 8)

Procurei trabalhar com a questão das memórias musicais e do contar-se a partir do mote dos memoriais e dos possíveis temas de pesquisas entrelaçados às nossas experiências e vidas conectadas às ideias de autores como Louro (2016), Torres (2019), Abreu (2019), Maffioletti (2016), Almeida (2020), dentre outros educadores musicais que pesquisam nesta perspectiva.

Finalizo esta abertura em que busquei contextualizar o tema deste artigo e os motivos que me levaram a escolher as (auto)biografias e organizar as entrevistas narrativas por *e-mail* para escrever este texto, convidando os colegas educadores musicais a participarem e, dessa forma, a trazerem aspectos das suas escolhas musicais imbricadas com suas vidas. Trago esse excerto de Abrahão (2004, p. 202), no qual a autora pontua que “A pesquisa (auto)biográfica é uma forma de história auto-referente, portanto plena de significado, em que o sujeito se desvela, para si, e se revela para os demais”.

Como começamos: tarefas e escolhas metodológicas²

Ouvir histórias dos outros – muito mais do que a sua própria – é uma surpresa, uma revelação, causa ressonâncias e tomadas de consciência, é reveladora de mundos. É por essa razão que a autobiografia em grupo propicia um valor agregado e nutre o desejo de cuidar de si, de sua própria voz, dos fantasmas do passado. (FORMENTI, 2018, p. 216)

Inspirada nas palavras de Formenti (2016) e animada em realizar essa pesquisa com os integrantes do grupo de estudos, enviei pelo WhatsApp do GEEM uma mensagem que era o convite para participarem da pesquisa e que

eu enviaria as tarefas por *e-mail*. Assim que chegou o retorno dos colegas, solicitei que cada um escrevesse uma breve (auto)biografia, descrevendo aspectos da sua formação musical que gostaria de compartilhar conosco, assim como quais eram as atividades musicais que cada um estava realizando, seja como aluno, professor, regente, instrumentista, educador social, professor de instrumento, compositor, arranjador, cantor, dentre tantas outras atividades musicais, quando teve início essa pandemia com a COVID-19. Pedi que escolhessem uma música para acompanhar a leitura das (auto)biografias como uma trilha sonora e que havia pensado em um tempo entre março e final de junho de 2020 e que enviaria as tarefas uma vez por semana, sempre por *e-mail*, sem um prazo fixo para retorno das narrativas.

Cabe contextualizar que esta pesquisa foi realizada com o envio de quatro tarefas, enviadas uma vez por semana para os participantes, com as perguntas e sem uma data marcada para o retorno, na busca de deixar livre o formato e tamanho das narrativas por parte de cada colega. As tarefas foram remetidas entre os dias 22 de maio de 2020 e 15 de junho de 2020 e, nos limites desse artigo, nomeio de tarefas pois cada uma delas tinha mais de uma atividade/narrativa escrita como retorno e tinham ligação de umas com as outras. Ao longo do texto, vou apresentando cada uma delas, não com o texto na íntegra que enviei para os participantes, mas com uma síntese do que foi pedido. As tarefas eram sempre enviadas para os *e-mails* de todos, em um pequeno grupo e eu dava retorno semanal, agradecendo o envio das narrativas e falando da nova tarefa. As primeiras narrativas chegaram para mim no dia 24 de maio e as últimas foram enviadas para o meu *e-mail* no dia 8 de julho, o que deu tempo de ler, analisar e iniciar a escrita deste artigo, em um movimento polifônico. A escolha pela abordagem (auto)biográfica está

² As tarefas foram enviadas por *e-mail* semanalmente, e, eventualmente se algum colega tivesse dúvidas quanto ao enunciado da tarefa, enviava uma mensagem por WhatsApp e eu respondia também por WhatsApp.

relacionada ao campo que venho adentrando e conhecendo desde a minha tese em 2003 e, também havia o desafio de receber um material denso e o mesmo tempo conciso, com as narrativas de si escritas, que com certeza merece muitos outros mergulhos em análises, busca por fundamentação, diálogo com autores do campo e desdobramentos em forma de artigos científicos.

Para embasar a escolha dessa atividade e a seleção das *playlists*, trago as reflexões de Macena e Paiva em artigo sobre o método e no qual as autoras enfatizam:

O método biográfico ou das histórias de vida, também conhecido como (auto)biográfico ou das narrativas de histórias de vida, consiste em cada pessoa buscar uma reflexão sobre o seu próprio processo de formação, e a partir disso, compreender as etapas e identificar os momentos que foram formadores no decorrer de sua vida através da narrativa do vivido. (MACENA e PAIVA, 2020, p. 818)

As tarefas começaram a chegar por *e-mail* e organizei um material que chamei de “Caderno de entrevistas” no qual fui salvando as narrativas de cada um dos integrantes e as tarefas que enviava, no sentido de ter um material mais organizado. Dos oitos integrantes que responderam que tinham interesse na pesquisa, três não puderam participar em função de outras questões e o grupo ficou composto por cinco colegas que responderam às quatro tarefas dessa entrevista narrativa por *e-mail*. Ao final das tarefas, pedi que cada um escolhesse um nome para ser identificado no texto e o grupo ficou constituído por Alfredo, Cyreste, Maria, Maria Rosa e professor Lu.

Nesse sentido, trago as reflexões de Souza e Oliveira (2016) a respeito da escolha de nomes para a pesquisa (auto)biográfica e os autores ressaltam que

A confidencialidade dos nomes civis ou apelidos, como são chamados pelos familiares e ou-

tros pares da comunidade dos colaboradores da pesquisa nos levou a pensar nas estratégias para equacionar a questão. Não poderíamos simplesmente colocar qualquer nome, era preciso pensar num batismo, numa outra identidade, para fazermos uma tessitura em que este universo fictício tivesse aproximações com a pesquisa. (SOUZA e OLIVEIRA, 2016, p. 199)

Em relação à escolha de nomes e de manter o anonimato dos participantes, Maffioletti e Abrahão (2016, p. 51) também enfatizam que “a fim de preservar a identidade dos participantes, substituímos os nomes originais por nomes fictícios, com algum significado sonoro que nos aproximasse do nome original”. A seguir, passo a apresentar partes das narrativas dos colegas participantes.

Histórias e biografias musicais

Ao falar em biografias musicais e apresentar os educadores musicais participantes desta pesquisa, considero pertinente trazer as reflexões de Delory-Momberger (2012), a respeito dos processos de gênese dos indivíduos:

O objeto da pesquisa biográfica é explorar os processos de gênese e de devir dos indivíduos no seio do espaço social, de mostrar como eles dão forma a suas experiências, como fazem significar as situações e os acontecimentos de sua existência. E, conjuntamente, como os indivíduos – pelas linguagens culturais e sociais que atualizam nas operações de biografização – contribuem para dar existência, para reproduzir e produzir a realidade social (“linguagens” tem aqui um sentido muito amplo: códigos, repertórios, figuras de discurso; esquemas, scripts de ação etc. (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524)

A partir da primeira tarefa enviada, o retorno veio com fragmentos de narrativas das memórias da infância com as primeiras lembranças da musicalização, mesclados as diversas aprendizagens musicais e amalgamadas ao trabalho como educadores musicais, aos diferentes espaços de formação, aos movimentos da

vida, aos fazeres como músicos instrumentistas, cantores e artistas, dentre outros entrelaçamentos com outras áreas do conhecimento.

Estudei música desde pequena, na cidade onde nasci, no interior do estado. E foi lá que a musicalização infantil começou em mim. Aprendi a cirandar pelo piano, flauta doce, violão, a cantar e bailar. O tempo passou. Já em Porto Alegre, participei de um grupo vocal misto durante 10 anos, em diversos espetáculos. Ali eu descobri que poderia estar no palco fazendo música. O trabalho de palco iniciou uma transformação na minha interpretação. Trabalho esse em construção permanente, que segue acontecendo até os dias de hoje. Foi também quando participava deste grupo que eu identifiquei meu desejo em ter um grupo menor, onde eu pudesse tomar mais decisões musicais e desenvolver meus próprios projetos. Foi aí que nasceu o grupo vocal feminino em que participei durante 12 anos. Fiz as faculdades de Nutrição, Educação Musical e Musicoterapia, e Mestrado na área da Saúde. Administro o meu espaço privado de Música, onde eu também desenvolvo meus projetos culturais. (Cyreste, t.1)

Cyreste diz que “é o nome que eu escolho - é o nome da localidade onde passei 11 meses quando eu tinha 17-18 anos. Foi um período lindo na minha vida, em que conheci pessoas fantásticas que guardo muito afetuosamente comigo” e prossegue em suas lembranças, complementando que “nada gratuito, neste momento da pandemia eu fiz questão de buscar o contato para ter notícias daquelas e daqueles que foram muito significativas e significativos lá atrás e que estão tão longe fisicamente...”

Já Maria comenta sobre a sua escolha e pondera que “se o nome for fictício, gostaria de ser chamada de Maria, porque esse nome representa, de certa forma, as mulheres e suas lutas por respeito e igualdade em nossa sociedade”. A seguir, apresento aspectos da formação musical de Maria.

A música está presente em minha vida desde muito cedo. Meu pai tocava acordeom, piano e

violão e adorava escutar música. Comprava muitos LPs na época e toda família sentava na sala para escutar as novidades musicais que ele adquiria. Era uma audição comentada, explicava, do ‘jeito dele’, as passagens que mais gostava. Aos oito anos ingressei no Belas Artes de Erechim/RS para estudar balé e piano. Na escola regular, estudei flauta doce e adorava cantar e tocar violão com as colegas na hora do intervalo. Aprendíamos os acordes no violão umas com as outras e através das ‘revistinhas de música cifrada’ que chegava nas bancas da cidade semanalmente. O tempo passou e eu escolhi a música como profissão, em especial, a docência em música. Me graduei em 1992 recebendo a titulação de licenciado em Educação Artística-Habilitação em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Em 2002, finalizei Mestrado em Educação Musical pelo Programa de Pós-Graduação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Atuei como educadora musical em diferentes espaços como escolas regulares, escolas específicas de música, projetos de ação social, cursos de extensão universitários, dentre outros. (Maria t.1)

Maria Rosa argumenta sobre sua escolha e ressalta que “Maria, pois se dependesse só da minha mãe este seria meu primeiro nome acompanhado de Izabel (Maria Izabel). Maria, além de bíblico foi um nome popular durante muito tempo e agora voltou à ativa” e segue o comentário destacando que “Maria parece que combina com tudo e Rosa por Rosa Parks, ativista negra que se recusou a se levantar do banco de um ônibus em Montgomery no Alabama. Essa mulher foi minha irmã de fé, de cor e de luta”. Em sua biografia ela conta que:

Nasci e cresci em Porto Alegre/RS, moro na periferia da zona sul, faço parte de uma família grande e diversificada. De 1º a 4º série, estudei em escola privada e depois ensino público. Sou técnica em enfermagem com capacitação em socorro veicular e socorro veicular avançado. Musicalmente me desenvolvi com as músicas da igreja evangélica, as músicas tocadas e cantadas em casa em festas ou reuniões e a música alta que ouvia da rua através de vizinhos.

Aprendi a tocar violão aos dezesseis anos e na igreja comecei a tocar com amigos que como eu estavam aprendendo. Em poucos anos, ensinava quem não sabia tocar e um grupo de mulheres de outra igreja evangélica a cantar. No final de 2014, pedi demissão da farmácia onde trabalhava para me dedicar a aprender e estudar música. Ingressei no curso de música na Universidade Metodista/IPA em 2015 e, em 2018, concluí o curso. Neste período de ensino, fiz parte por dois anos do coro universitário IPA e demais cursos e palestras oferecidos. (Maria Rosa, t.1)

Já o professor Lu se apresenta e conta que “Agora, virei o profe Lu, ou “professor de música” para os alunos que eventualmente esquecem meu nome” e, assim sendo, será identificado nesse texto como Profe. Lu.

Comecei meus estudos musicais na década de oitenta, no Liceu Palestrina, onde cursei quatro dos cinco anos do curso de violão erudito. Após esse período, continuei meu aprendizado de forma autodidata agregando a prática da guitarra elétrica, instrumento que me alavancou no meio artístico por meio de bandas autorais, covers e aulas particulares, atividades que mantenho até o presente, mas com menos atuações devido aos rumos que minha formação me proporcionou. Após minha graduação em Licenciatura em Música pelo IPA (2017), [...] ingressei no mercado de trabalho em uma escola particular como professor de música, função que desempenho até o momento. Ainda em 2017, comecei minha pós-graduação (lato sensu) em Educação Musical com Destaque para Música Popular pela Unis de Minas Gerais e o curso Técnico em Instrumento Musical – Violão no IFRS, onde atuei como bolsista na Orquestra Infantil do Projeto Prelúdio e no Grupo de Violões do Projeto Prelúdio. (Profe. Lú, t.1)

Alfredo expõe o motivo da escolha desse nome “pois neste momento tenho escutado o cantor e compositor Alfredo Zitarrosa”. A seguir, trago alguns excertos das narrativas dele como parte de sua apresentação no texto.

Tenho 33 anos, e me defino profissionalmente, em síntese, como músico. Mas, como todo é cor-

riqueiro na música, minha trajetória é permeada de idas e vidas e caminhos aparentemente não lineares. Minha memória mais remota de envolvimento intenso com a música é já na adolescência, por volta dos 12 anos de idade. [...] Aos 19 anos, decidi, finalmente, que iria cursar música. Só que esbarrei em outro problema: não sabia ler quase nada de partitura, e não tinha a ideia do que era solfejo. [...] Passei um ano estudando violão, neste período tive meu desenvolvimento inicial na técnica violonística, pois até então só havia tocado guitarra. Ao final deste ano, vendo que não tinha a menor chance de ingressar na Universidade, desisti. Fiz vestibular para Ciências Sociais e passei [...] graduado como sociólogo, comecei a trabalhar na área, e tive bons êxitos e alguns destaques profissionais. Tinha uma carreira interessante para seguir, mas deixar a música para segundo plano passou a me incomodar mais e mais [...]. Em 2013, com 27 anos, eu decido largar a carreira de sociólogo e começar do início na música. A notícia foi impactante para a família, pois eu já tinha um bom salário. Durante o ano de 2013, trabalhei como freelance com pesquisa de mercado, para ter alguma remuneração, e finalmente ingressei em um curso superior de música, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul. Pouco a pouco, fui diminuindo as atividades de pesquisador e aumentando as de professor de música. (Alfredo, t.1)

Certamente fiz recortes das narrativas dos colegas e busquei trazer excertos que contextualizassem fragmentos dos múltiplos espaços e áreas de formação/atuação desses educadores musicais, assumindo aqui o papel de narradora das narrativas. Para Maffioletti e Abrahão (2016, p.43), “A pesquisa narrativa em educação musical está em andamento no cenário brasileiro, tanto na área da Educação quanto na área da Música, com produção científica que envolve (auto)biografias, memórias, histórias de vida e práticas de formação”. Encerro essa parte das apresentações com as escolhas de uma música que embalou as escritas dessas narrativas iniciais.

Cyreste traz a música “Gymnopédie nº 1”, Erik Satie e pontua que “pensei nela, li ouvindo,

pensei que talvez fosse um pouco melancólica para a ‘história’, mas preferi usar a sinceridade da primeira sensação”. Para Maria, a selecionada foi “Todas as vidas do mundo” de Pc Silva e argumenta que gosta “muito da interpretação da Ceumar” e escolheu essa música “porque conheci o CD Espiral da Ceumar justamente nesse período de quarentena”. Maria Rosa apresenta a música “Tema dos guerreiros-Apocalipse16/Pregador LUO”, com o link no YouTube. Para essa tarefa, o Profe. Lu enfatiza que “a trilha para leitura é a música ‘Changing Opinion’ do Philip Glass, com participação de Paul Simon” e Alfredo traz a música “Adagio en mi pais” de Alfredo Zitarrosa e justifica que tem “ouvido muito artistas conectados à cultura popular, de inspiração libertária, que reivindicam a emancipação do trabalhador. A sugestão da música tem muito a ver com esse momento”.

Um dos pontos a destacar nas músicas é o ecletismo que permeou essas escolhas, com estilos, intérpretes e compositores musicais diversos, soando e reverberando nas *playlists* e nas narrativas dos colegas.

Pandemia, educação musical e trabalho

Ao perguntar para eles, educadores musicais e músicos, sobre a pandemia mundial e as implicações relacionadas aos modos de dar aula e, especificamente de fazer música, foram muitas as reflexões, reinvenções de modos de ser e fazer, como nas narrativas que seguem:

Nesse momento em que vivemos uma pandemia mundial e tivemos que paralisar nossas atividades profissionais, atuo como docente em um Curso de Licenciatura em Música; como coordenadora pedagógica de um projeto de ação social; integro um espetáculo de música para crianças; como professora de oficinas de formação dos Concertos Didáticos de uma orquestra de câmara; e como professora particular de piano e teoria e percepção. (Maria, t.1)

Agora, estourou a pandemia. Neste período, estou mantendo as atividades rotineiras, só que em isolamento. Acabei vindo para a residência da praia da família da minha esposa, em uma cidade praticamente deserta. Daqui, faço as tarefas da coordenação do curso e as aulas on-line. No pouco que sobra, sigo tocando meus projetos paralelos com música e educação musical. Destaco os trabalhos relacionados ao ensino online de música, que comecei há mais ou menos dois anos e que me interessam cada vez mais. Agora, com a emergência do mundo online, vejo que cada vez mais tenho nisso uma oportunidade de trabalho e renda. Também venho aprofundamento meus estudos pela música ‘regional’ (incluindo Uruguai e Argentina), que envolve, por exemplo, o gênero musical da milonga. (Alfredo, t.1)

Já para Maria, Alfredo e Cyreste que atuam também no ensino superior, o isolamento social mudou os tempos e espaços das aulas como aparece nas falas deles, ampliando os desafios com tarefas *on-line*, com o uso de plataformas digitais e das redes sociais, com criação e descobertas de trabalhar e dar aulas de músicas *on-line*, usando equipamentos desconhecidos, fazendo gravações, criando projetos e parcerias.

O início do isolamento social levou ao fechamento das atividades presenciais do meu espaço privado de Música [...] Entretanto, segui dando aulas on-line em uma Instituição de Ensino Superior (na Musicoterapia e Licenciatura), contratada justo no final de fevereiro. Grande desafio. Aumentou muito o meu uso das redes para me comunicar. Eu nunca havia trabalhado on-line [...]As atividades do trabalho de música para crianças seguem, semanalmente, com propostas musicais on-line na rede, Instagram, Face e site. E também foi neste momento que, depois de 10 anos de trabalho interrompido, nós do grupo vocal feminino, voltamos a cantar juntas. Já gravamos nosso primeiro vídeo. Iniciamos de uma forma discreta, com uma vinheta do primeiro espetáculo e que está também no primeiro CD do grupo. (Cyreste, t.1)

Nesses trechos das narrativas dos edu-

cadores musicais, emergem várias questões preciosas a respeito das práticas e fazeres musicais desses colegas em tempos de pandemia, com criatividade, novos modos e descobertas. São temas para compor os tópicos de discussão da nossa agenda como educadores musicais na contemporaneidade, envolvendo isolamento social, aulas *on-line*, pesquisa, tecnologias, escuta sensível, competências, criatividade, desafios, repertórios ecléticos, concepções de aulas de música e muito mais. Para alguns deles, como Maria Rosa e Profa. Lu, tinham planos de trabalhar como educadores musicais em escolas de educação básica, como destacam em suas falas e tiveram de fazer adaptações e criações.

Antes da pandemia, havia sido aprovada para lecionar música pelo estado do RS. [...] Após a orientação de isolamento, cancelei os ensaios, a igreja que faço parte fechou e em casa optei por estudar meu instrumento principal (violão) e aplicar algumas técnicas. Com o grande número de lives musicais diárias, fiquei com saudade do que não ouvia há muito tempo, então lembrei das músicas cantadas na infância. Em casa, eu e minha família começamos a cantar essas músicas e cada um foi lembrando de outras, inclusive músicas que eu nunca havia ouvido. Aprendi a tocar, outras toquei com a referência de quem estava cantando (vó, tia, mãe) e as músicas que conhecia desejei rearranjá-las. Atividade que compartilho com meu primo que mora em outro estado. (Maria Rosa, t.1)

No início do corrente ano, fui contratado por mais uma escola particular, e eis que desafio de trabalhar em duas instituições de ensino demonstrou-se particularmente instigante, pois desde o dia 18 de março, devido a pandemia da Covid-19, aplico atividades de forma remota por duas plataformas de ensino distintas, onde toda minha formação artística, cultural e acadêmica é colocada a prova visto que em todas as vinte e quatro turmas, utilizo a flauta doce como ferramenta auxiliar da educação musical, e todos os grupos ficaram com os instrumentos retidos nas escolas. Vídeos, atividades rítmicas e pesquisas demonstraram serem meios pontuais para que

a aprendizagem continuasse de forma eficaz [...]
(Profa. Lu, t.1)

Em sintonia com as reflexões que os colegas trouxeram a partir das configurações de tempos e espaços modificados, restritos e até impostos pela pandemia da COVID-19, me reconheço em muitas das falas e experiências deles. Dessa forma, compartilho as palavras de Maffioletti e Abrahão (2016), ao exporem que:

Como dimensão própria do método autobiográfico, a reflexão sobre a experiência é um desafio epistemológico que desloca o papel do professor pesquisador para dentro de si mesmo, de onde pode perceber o outro reconhecendo-se nele e identificando-se com suas trajetórias de vida. (MAFFIOLETTI e ABRAHÃO, 2016, p. 46)

Concluo esse tópico destacando o quanto cada colega participante dessa pesquisa se contou através das suas *playlists*, em um entrelaçamento com suas experiências como educadores e educadoras musicais e as narrativas dos seus colegas, seja pelas lembranças das práticas musicais, das histórias de formação ou das melodias escolhidas.

Qual é a sua *playlist* em tempos da COVID-19?

Organizei a 2ª tarefa a partir de um trecho do próprio edital da chamada da *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)Biográfica (RBPAB) – Dossiê Narrativas, pandemia e adoecimento social*, 2020, para que pensassem sobre as suas escolhas e trilhas sonoras musicais nestes meses de isolamento social, tendo como mote este trecho:

A experiência de viver a pandemia do Covid19 pode-se tornar, então, um lócus de reflexão, de criação e de expansão de novas maneiras de habitar o mundo e de habitar a si mesmo. As narrativas, enquanto meios, locais e suportes de produção de si e de configuração subjetiva ganham ainda mais relevo e atualizam sua im-

portância no contexto atual. (RBPAB, v. 5, n. 16 – Edição Especial – 2020)

Pedi que organizassem uma *playlist* com oito a dez músicas que eles têm escutado, tocado, cantado e trabalhado com ela em alguma aula ou atividade, que esse número poderia aumentar ou diminuir e que identificassem as músicas pelo título e seu/sua compositor(a), assim como que destacassem ao lado de cada uma delas qual é a atividade que está mais vinculada a essa música: escutar, cantar, cantar e tocar, dançar, faz parte do um repertório de *show*, preparar para alguma aula, para ajudar a dormir, para gravar com outros cole-

gas em eventos virtuais, para trabalhar improvisação, para brincar, dentre outras atividades.

Antes de apresentar as *playlists* dos colegas em tabelas, com os títulos e os compositores, trago excertos da letra de uma das músicas da minha “trilha sonora” que me acompanhou ao iniciar a escrita desse artigo: “Canções e momentos”.

Há canções e há momentos, Eu não sei como explicar
 Em que a voz é um instrumento, Que eu não posso controlar
 Ela vai ao infinito, Ela amarra todos nós
 E é um só sentimento, Na platéia e na voz! (Milton Nascimento e Fernando Brant).

Quadro 1 – *Playlist de Maria*

1. “Vai um chimarrão, Tchê?”	Hermeto Pascoal (gravar com outros colegas em eventos virtuais);
2. “Pai Quati”	Música: Angelo Primon, Marta Schmitt e Nise Franklin/ Letra: Caio Riter (gravar com outros colegas em eventos virtuais);
3. “Looking For a Place”	Tiê Coelho Todão (gravar com outros colegas em eventos virtuais);
4. “Todas as vidas do mundo”	Pc Silva (escutar e cantar com a família na hora da janta);
5. “Another Brick in the Wall”	Pink Floyd (escutando e falando sobre música com os filhos);
6. “Prayer In Passing”	Anoushka Shankar (escutando, conhecendo, estudando e falando sobre música com meu marido);
7. “Don Tomate”	Las Ñes (escutar e estudar a elaboração dos arranjos);
8. “Las Morillas de Jaén”	Amina Alaqui (escutando, conhecendo, estudando e falando sobre música com meu marido);
9. “Dance of the Invisible Dervishes”	Dhafer Youssef (escutando, conhecendo, estudando e falando sobre música com meu marido).

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações de Maria.

Ela explana ao final: “As músicas que conheci nesse período de isolamento são as in-

dicadas nos números 1, 3, 4, 6 e 8 de minha *playlist*”.

Quadro 2 – Playlist de Maria Rosa

Descoberta solitária 1. “Lá” 2. “Você não vai parar” 3. “Portão azul” 4. “In Memoriam” 5. “Cuide / Paulo”	(vasculhando o Spotify) Paulo César Baruk (ouvir, cantar e tocar); Samuel Messias (ouvir, cantar e tocar); Lorena Chaves (ouvir, cantar e tocar); Gabriel Guedes (ouvir, cantar e tocar); Paulo César Baruk (ouvir, cantar e tocar).
Grupo no WhatsApp de amigos que são ou em algum momento foram músicos 6. “Still In Love” 7. “Umbrella”	(O grupo não tem outra função, colocamos uma música ou várias, sem explicações, só ouça); Acoustic/ Thirdstory, Eryn Allen Kane; Scott Bradlee’s Postmodern (ouvir).
Supermercado 8. “Indiferença” 9. “Serenata” 10. “Moça chique”	(ouvir, tocar com os dedos no carrinho enquanto faço as compras); Acústico/ Sorriso Maroto; Acústico/ Sorriso Maroto; Luan Santana.
YouTube 11. “Amigo estou aqui” 12. “Naquela mesa” 13. “A benção” 14. “Inumeráveis”	(normalmente assisto vídeos antes de dormir ou perco o sono assistindo); (Toy Story)/Stefano Mota (ouvir, tocar e estudar); Stefano Mota (ouvir, tocar e estudar); André Aquino e Ana Paula Valadão (ouvir e tocar); Chico César canta Bráulio Bessa (ouvir).

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações de Maria Rosa.

Maria Rosa encerra a sua seleção de músicas organizadas a partir de diferentes espaços de escuta e pesquisa, frisando que *“Todas as músicas apresentadas eu comecei a ouvir no*

início da quarentena até o presente momento. As músicas ‘In memoriam’ ‘Umbrella’ ‘Amigo estou aqui’ e ‘Naquela mesa’ eu já conhecia, porém não nas versões apresentadas”.

Quadro 3 – Playlist da Cyreste

1. “Cromática”	Poin, Pequena Orquestra Interativa (para as aulas com os alunos na graduação/técnico em Educação Musical da XXX, para dançar, pensar música*);
2. “Nossa história”	Composição minha usada para as contações de história que estou fazendo <i>on-line</i> – novo projeto. Pela primeira vez eu tenho coragem de apresentar e usar;
3. “Maria Vai Com as Outras”	Toquinho e Vinícius de Moraes (cantar, lembrar, estamos retomando no grupo [...]. E temos mantido contato. Essa é a música que escolhemos para o próximo vídeo, retomar o canto em grupo e voltar a ouvir/cantar as harmonias que me trazem sensações corporais incrivelmente prazerosas;
4. “Comptine d'un autre été, l'après midi”	Yann Tiersen (fruir, essa música é a principal da trilha sonora do filme Amélie Poulain. Sinto-me representada neste filme, trilha, fotografia, roteiro, interpretação das e dos atores...);

* Pensar música significa, para mim, pensar na estrutura da composição, na instrumentação, na interpretação e nas sensações que esta música me gera.

5. "Ain't no Sunshine"	Bill Withers (cozinhar, beber vinho, ouvir);
6. "Criola não tem sapato"	Vozes Bugras (para dar aulas, descobri este grupo e suas interpretações e composições através de uma pesquisa para um trabalho que propus para as e os alunos, pensar música);
7. "Reverdecer"	María Dolores Aguirre, por Perotá Chingó (fruir, dividir escuta com minha filha, pensar música);
8. "Leve o que quiser/Mulher da lua"	Pietá/feat. Chico César (tomar banho, fruir, cozinhar, tanto esta quanto a música anterior foi a minha filha que me mostrou a primeira vez. É uma troca linda. Descobri um tanto do crescimento dela a partir dessas escutas que ela me traz);
9. "Infinito Particular"	Arnaldo Antunes, Carlinhos Brown, Marisa Monte (fruir, cozinhar, lembrar da infância da minha filha);
10. "Olha bem"	Carmen Corrêa (fruir, cantar, trabalhar repertório, dividir o fazer musical com as minhas duas grandes parcerias de música).

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações de Cyreste.

Cyreste comenta que as músicas *"Nossa história' eu conheci e fiz ser conhecida agora no momento da pandemia. 'Creola não tem sapato' também conheci agora"*.

Quadro 4 – Playlist do Profe. Lu

1. "Life on Mars"	David Bowie (Nesse período, março, postei um vídeo para as turmas de primeiros e segundos anos das duas escolas particulares em que atuo. Essa música, criei baseado na observação de que as crianças entre seis e oito anos encontram dificuldade no solfejo das notas no modo descendente);
2. "Indians"	Banda Anthrax (Em abril, ouve um paradoxo entre o que estava ouvindo e o que produzi; Época de Páscoa, música de Páscoa. Compus uma pequena homenagem para os terceiros, quartos e quintos anos;
3. "Satan is Real"	Banda alemã Kreator (Em maio, ouvi mais Heavy Metal, gênero musical que percebi que ativa minha criatividade);
4. "Canção Dó a Dó"	(Deu origem à essa canção);
5. "Vivid Unknow"	Philip Glass (No final de maio, retornei a uma antiga paixão musical. Descobri essa pérola no Spotify (meu streaming favorito);
6. "A música da Cabeça"	(A música do período, uma brincadeira para a educação infantil).

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações de Profe. Lu.

O Profe. Lu reflete que *"Nas últimas semanas, fiquei quase que totalmente refém das avaliações, então não tive muito tempo para ouvir, mais engatilhei várias composições que pretendo usar em breve"*.

Quadro 5 – Playlist do Alfredo

1. “Adagio en mi país”	Alfredo Zitarrosa (Canção que conheci na pandemia, em virtude dos meus estudos pela milonga, acabei conhecendo este artista, compositor de muitas milongas, e por consequência outras canções também de sua autoria, como é o caso desta relacionada);
2. “Ramilonga”	Vitor Ramil (Música que conheço há bastante tempo e é uma das minhas preferidas de tocar no violão. No contexto da pandemia, estou produzindo videoaulas sobre milonga. Muitas pessoas já me pediram para fazer um tutorial sobre essa música. No momento estou me dedicando à produção deste material);
3. “Joy”	John McLaughlin & Shakti (Tenho um grupo de WhatsApp com dois amigos de longa data. Nós três conversamos muito sobre música. Durante a pandemia, criamos uma sistemática: 1x por semana, em forma de rodízio, um de nós indica um álbum de um artista. Os outros devem ouvir e comentar. Essa música foi indicada por mim, eu já conhecia antes, mas se inseriu especialmente desta forma neste momento da pandemia);
4. “Paisagem da Janela”	Milton Nascimento (Música que meu filho gosta de ouvir. Temos ouvido bastante);
5. “Dona Aranha”	Canto popular (Música que meu filho gosta de ouvir e cantar, temos cantado bastante na pandemia);
6. “No Excuses”	Alice in Chains (Música que ouvi hoje, da minha banda favorita de sempre, o Alice in Chains, que não deixei de ouvir neste momento);
7. “Who ever said”	Pearl Jam (Outra banda de rock que ouço há muito tempo. Essa música pertence ao disco mais recente, que comecei a ouvir na pandemia);
8. “Performance ao vivo”	Raphael Rabello e Nelson Gonçalves (Descoberta que fiz na pandemia, pesquisando sobre o violonista de 7 cordas, Raphael Rabello. Neste show, ele se une ao cantor Nelson Gonçalves, em uma performance memorável);
9. “Feel”	Robbie Williams (Para relaxar, eu gosto de ouvir músicas com baixo bem marcado. As músicas “pop” têm essa característica. Como exemplo, cito essa do cantor Robbie Williams, que conheço há bastante tempo).

Fonte: elaborado pela autora com base nas informações de Alfredo.

Alfredo narra ao final que *“esta playlist sintetiza o que tenho ouvido na pandemia. Mas também o que sempre ouvi. Minhas playlists variam de acordo com os momentos e o estado de espírito. O rock está sempre presente, e de alguns anos para cá também a milonga”*.

Ao analisar as seleções de músicas dos colegas, todos educadores musicais e residentes na cidade de Porto Alegre, Rio Grande do Sul,

observo a riqueza e diversidade dos títulos e escolhas, em um universo de mais de 45 músicas, sem nenhuma repetida e desvelando, dessa maneira, aspectos de suas identidades musicais com as narrativas. Ora era uma música infantil, ora uma milonga, música autoral, rock de várias bandas, música popular brasileira, música evangélica, entre sons de guitarras, violões 7 cordas, timbres portenhos, vozes in-

dividuais e em coros, instrumentos de percussão, sons da natureza, fragmentos de temas do folclore brasileiro e de músicas gauchescas, dentre outras.

Trago as reflexões que o grupo faz em relação ao momento da pandemia e suas escolhas musicais. Maria ressalta que *“Em especial, nesse período de isolamento, a música tomou espaços de tempo maiores na nossa casa em função de sermos profissionais dessa área, assim escutamos música para nos divertir, mas também para produção de trabalho”*. Já para Cyreste, ela tem *“pensado muito a vida pelas ‘playlists’ que nos contam, que escolhemos que nos contem, as diferentes playlists que construímos no decorrer da vida”* e finaliza suas reflexões pontuando que *“A música é uma facilitadora para eu entender momento mais delicados da vida, mais complexos, mais felizes, mais tristes. Enfim. Essas ‘playlists’ me reorganizam”*.

Nos comentários de Maria Rosa, ela ressalta que *“foi uma atividade complexa criar a playlist pelo fato de ouvir várias músicas e ter que decidir entre tudo que ouço, por isso a decisão de colocar somente o que comecei a ouvir desde a quarentena”* e nas reflexões de Maria ela aponta que *“Ao organizar essa playlist constatei que as relações afetivas e sociais estabelecidas na minha família são sempre permeadas pela música”*.

Ainda em relação aos repertórios selecionados, o Profe. Lu enfatiza que *“No meu caso, não necessariamente minhas playlists pessoais me ajudaram a elaborar atividades, mas sim auxiliaram a alcançar um estado de espírito que clareou meus pensamentos e ativaram minha criatividade”* e para Alfredo, *“Na pandemia, minha relação com o repertório tomou certos delineamentos, não drásticos, mas sim situacionais. Um exemplo é esta troca quase que diária, que tenho com dois amigos em um grupo de WhatsApp”*.

Dedicaria essas músicas para alguém?

A partir da organização das *playlists*, enviei a tarefa 3 na qual pedi que escolhessem um(a) colega da sua área com o(a) qual gostaria de compartilhar algumas dessas músicas e que selecionassem três a cinco músicas de suas listas, apresentando-as com algumas características, caráter, texturas e ressaltando os motivos de ter escolhido essas peças e de querer compartilhar com essa pessoa. Um momento de ofertar músicas!

Alfredo escolheu as músicas “Adagio en mi país”³, “Ramilonga” e “Joy”, mencionando que *“A tarefa de compartilhar é sempre interessante. Pois como calcular a sensibilidade dos outros? Como saber se aquilo que nos emociona, emociona a outrem? Penso que resgatar o aspecto histórico de cada artista é importante, para contextualizar sua atuação e sua obra”*. Ele completa suas reflexões comentando que *“Depois de um tempo, para mim, ao menos, não é mais possível ouvir uma música sem pensar onde foi produzida”* e contextualiza os locais onde foram produzidas as músicas que selecionou para ofertar para um amigo.

As ofertas musicais de Maria são “Looking For a Place”, “Don Tomate” e “Prayer In Passing”, e pontua que *“Essa experiência de ofertar músicas para colegas foi muito interessante, trouxe lembranças de momentos compartilhados com cada um/a. Envolve muito afeto e cuidado com o outro”*. Ela oferta a primeira música para a colega Jack⁴, a segunda para Bela e Adriana e a terceira para o amigo/irmão Roza. Finaliza essa tarefa ressaltando que pensou *“em detalhes, em características de nossas personalidades e em pontos comuns e ‘não comuns’*

3 Os títulos das músicas foram apresentados no texto e na *playlist* sempre entre aspas.

4 Os nomes no texto não são nomes reais dos colegas que foram escolhidos, citados e que receberam as músicas selecionadas nas *playlist* de cada participante. Foi mantido o anonimato.

que nos aproximam. A música com certeza nos aproxima. E é incrível pensar que conheci essas pessoas por causa da música”.

Maria Rosa fala de duas pessoas que conheceu na faculdade, *“bem humoradas com quem partilhei meu tempo, alguns momentos icônicos e muitos risos”* e que compartilharia com elas as músicas selecionadas da sua playlist que são: *“Umbrella”, “Lá” e “Amigo estou aqui”* e termina essa narrativa refletindo que pode ser que amanhã ou daqui a uns dias ela repense essas escolhas musicais *“mas neste exato momento ficaria profundamente feliz de saber que alguém deseja compartilhar seu guarda-chuva comigo, que se importa e acredita que não adianta estar bem sozinho e que mesmo longe afirma que ‘amigo estou aqui’”*. Pontua que é uma atividade *“relevante para reflexão. Mesmo que pareça que ouvimos ‘sem significado’, com o tempo percebemos seu sentido”*.

O Profe. Lu narra que *“ofertaria todas as músicas da minha playlist ao meu colega Lars Wolfenbinkle”*, educador musical que se formou no mesmo ano que ele e *“com quem troco informações sobre atividades de música, materiais e impressões musicais e culturais”*, destacando que as músicas de artistas internacionais foram pelo interesse dele por bandas de *Heavy Metal* e as suas composições autorais, *“ofereço para ele analisar e dar sua opinião”*. Ele encerra destacando que *“essa tarefa, a meu ver exemplifica o carinho por um amigo que no atual momento, apenas mantenho contato virtual”*.

Cyreste inicia a atividade oferecendo as músicas para Ana e comenta que está participando *“de uma pesquisa e uma das tarefas é escolher alguém do meio musical, uma colega para compartilhar algumas canções que já foram escolhidas previamente em uma tarefa anterior. Eu te escolhi, porque temos compartilhado música e vida”*. As canções selecionadas

foram *“Nossa história”, “Maria vai com as outras” e Reverdecer”* e que essa tarefa, *“assim como as demais, tem me feito pensar muito em Musicoterapia e no processo que passamos ao participar de sessões musicoterápicas. É um olhar para dentro. Escolhas pessoais, fala em primeira pessoa”*. Ela enfatiza ainda *“essa atividade em especial me fez pensar com muito afeto na Nessa e no que temos vivido juntas. É muito bom ter uma amiga para partilhar música”*, ressaltando também os cruzamentos delicados e intensos que existem entre saúde e educação.

Ao conhecer as músicas que foram oferecidas aos amigos e os motivos pelos quais cada um desses educadores musicais fez sua seleção musical, trago um fragmento de Almeida (2019) em artigo intitulado *“Formação do educador musical: contribuições de uma abordagem (auto)biográfica”*, em que a autora pondera que:

Da mesma forma que existem processos de ampliação das possibilidades de escuta musical, também existe uma educação para a escuta do outro. Refletir sobre si mesmo em seus caminhos como professor de música levou os participantes da pesquisa, também, a uma aprendizagem da escuta dos outros. Essa é uma entre tantas contribuições que a abordagem (auto)biográfica parece fornecer em sua interface com a Educação Musical. (ALMEIDA, 2019, p. 153)

Creio que Maria, Profe. Lu, Maria Rosa, Cyreste e Alfredo compartilharam nesta tarefa não só o movimento de oferecer músicas, mas também exercitaram a escuta do outro, dos seus colegas de área, de profissão e de vida.

Reflexões finais: entre escutas e sonoridades

Assim como foi difícil iniciar e ir tramando as narrativas para este artigo com o intuito de não fugir do título proposto, para o qual retornei algumas vezes para ler, reler ou mudar, fazer esta

finalização também não foi fácil, na medida em que, cada vez que parava a escrita e retomava a leitura das narrativas escritas, muitos outros fios de memórias vinham, muitas vezes em turbilhões, misturando o vivido ao narrado. Sem dúvida, muitas narrativas ficaram mescladas, outras tantas foram interrompidas por mim como narradora deste texto e outras ficaram de fora. (TORRES, 2019, p. 81)

Abro essas reflexões temporárias/solitária a partir desse excerto, na perspectiva de trazer as dificuldades de finalizar um texto impregnado de narrativas e significados, de palavras não ditas, de sons e timbres que ecoaram em diferentes contextos e espaços, com a necessidade de fazer escolhas e encerrar este escrito. Escolho também para me acompanhar nessa etapa, uma das músicas que faz parte da minha *playlist* e que escutei ao longo dos meses de junho e julho nas caminhadas e tarefas em casa: “Oboé para Gabriel”, trilha sonora do filme *A Missão* e composição de Ennio Morricone. Foram muitas memórias que se entrelaçaram com as sonoridades da orquestra e o solo de oboé, me auxiliando a tentar narrar tantas narrativas dos colegas, densas e sensíveis, que me apresentaram também uma gama de músicas “desconhecidas”, que já vão compor outras *playlists* ou as trilhas sonoras da minha vida.

Como tarefa final, nº 4, pedi que a partir de um excerto de Delory-Momberger (2012), na qual a autora comenta que “A postura específica de uma pesquisa é a de mostrar como a inscrição forçosamente singular da experiência individual em um tempo biográfico se situa na origem de uma percepção e elaboração peculiar dos espaços da vida social”, os colegas participantes comentassem sobre os conceitos de “narrativas musicais” e *playlist* na perspectiva da vida cultural e social.

Apresento alguns fragmentos dessas reflexões, como as de Maria Rosa (t.4) que faz uma associação com uma viagem, na qual cada um está em seu carro, “com seu mapa, às vezes

fazendo o mesmo trecho, outras procurando atalhos. Alguns seguindo cuidadosamente o mapa, outros desfrutando da vista e aqueles que só queriam ter um carro mais novo para poder andar na mesma velocidade que os outros” (t.4). Ela prossegue com sua metáfora de viagem e comenta que “Um dia acontece uma pane geral e todos tiveram que parar onde estavam e uma minoria teve que manter a viagem com risco de não chegar ao destino desejado”.

Para Cyreste (t.4), “As narrativas são as diversas formas de eu poder me comunicar musicalmente, na escrita, na execução, na construção do pensamento musical, na composição, na apreciação. É o que eu vejo/ouço de mim e daquela/daquele com quem trabalho/conviwo”. Ao comentar sobre o conceito de *playlist* ela ressalta que “faz parte das narrativas. Ela está inserida na narrativa individual, de uma dupla ou grupo. São as escolhas musicais que fazemos. São as músicas que compõem as escolhas ou as escutas/ações musicais - muitas vezes não são escolhas, mas ficamos expostas e expostos da mesma forma”.

Na perspectiva de Alfredo (t.4), “A ideia de narrativa me remete à construção de significado subjetivo, seja em indivíduos ou em grupos sociais. Essa subjetividade é externalizada, ou seja, torna-se objeto concreto, materializando-se em materiais possíveis de serem apreciados e estudados”, complementando que a narrativa musical, no caso da *playlist* com a sequência de músicas “ou canções agrupadas com alguma finalidade (ouvir no carro, ouvir para limpar a casa, ouvir antes de dormir etc) parece se relacionar com o significado que as músicas têm, sozinhas e em conjunto, em contexto(s), mas também em uma perspectiva diacrônica”.

“Quanto às *playlists*, acredito que suas contribuições podem ocorrer de diversas maneiras. Como base para pesquisa, como fonte de ideias, assim como por mera curiosidade”, argumenta o Profe. Lu nas suas narrativas e

Maria (t.4) traz a reflexão de que *“é uma perspectiva que considera o repertório de cada indivíduo um material potente de significados, afetos, memórias e, conseqüentemente, de aprendizado musical”*.

Foram muitas as reflexões entrelaçadas às narrativas das *playlists*, ora em uma mescla de afetos e sentimentos, ora prenhe de memórias, escutas, gostos e escolhas musicais. Nesse sentido, Maria Rosa (t.4) fala das influências da música no nosso cotidiano e traz alguns questionamentos em relação ao gosto musical: *“Será que ficamos curiosos e expandimos nossa busca por músicas diferentes? O que mais foi produzido durante a quarentena?”*, finalizando que *“Refletir sobre o que fazíamos, tocávamos e cantávamos vai trazer uma nova perspectiva em nossas atividades quando a rotina voltar ao ‘normal’”*.

Conforme ia tecendo a escrita destas considerações finais, com algumas narrativas deixadas de fora, com trechos escritos e apagados, momentos de escutas, de volta a leituras do campo (auto)biográfico, continuava a me perguntar sobre o significado de compartilharmos essas *playlists* nesses tempos de tristeza, isolamento social, incertezas, de olhar o horizonte por outros ângulos, de perceber as vozes e sons, de captar imagens, de socializarmos notícias, dentre tantas outras percepções/vivências/memórias da vida cotidiana. Nesse ponto de vista, trago as narrativas de Cyreste (t.4) quando ela expõe que:

É trazer maior sensibilidade para a escuta/ação/execução musical. E partindo do eu - dos processos individuais, colocar-se no lugar do/da outra com quem compartilho a experiência musical, as minhas narrativas musicais. Faz-se um espaço para se pensar no quanto se atinge a/o outro com o nosso próprio fazer musical. As tarefas oferecem a escuta. Quando se escuta, a gente se coloca em silêncio para receber o som do/da outro/outra. E acredito que isso, por si só, já seja uma contribuição imensa das tarefas,

poder pensar na e com a escuta. Oferecer o meu silêncio para que o som do outro se compartilhe. (Cyreste, t.4)

Assim como Cyreste destaca as questões de compartilhar o som do outro, de sensibilidade, de vida, também Maria (t.4) enfatiza que *“pesquisar as narrativas musicais trará grande contribuição para área da educação musical, pois apresenta uma perspectiva de aprendizado que valoriza e dá voz a um repertório”* e completa que *“não apenas por sua representatividade dentro da literatura musical, seus atributos de conteúdos técnicos, mas também pela relação afetiva que estabelece com o ouvinte durante diferentes momentos de sua vida”*.

Emergiram ainda questões relacionadas ao campo da educação musical e da pesquisa (auto)biográfica e o Profe. Lu (t.4) enfatiza que *“A validade desse tipo de pesquisa deve servir como registro desse momento singular pelo qual todas as pessoas, os educadores, e ainda mais para os educadores musicais estão passando”*. Alfredo comenta que *“Não tenho experiência em trabalho com pesquisa auto-biográfica, mas com certeza a educação musical precisa estar continuamente se renovando, e uma possibilidade de renovação é através da compreensão do ‘papel’ da música na vida das pessoas”*. Ele pontua ainda que no contexto da educação musical e o cotidiano, *“só faz sentido educar musicalmente se o ensino e aprendizagem estiverem conectados e em diálogo com a vida ordinária. Penso que esse tipo de pesquisa se insere muito bem neste cenário”*.

Ao perguntar se os colegas participantes tinham alguma pergunta que gostariam de fazer ao final das tarefas enviadas para complementar esta pesquisa, Maria Rosa trouxe as seguintes questões: *“Qual foi a música que você mais ouviu na quarentena? Justifique se quiser. Qual música você escolheria para tocar assim que a quarentena chegar ao fim?”* Cyreste comenta *“Agora, escrevendo esta parte final e revisan-*

do, pensei que talvez poderíamos ter gravado algo para alguém". Com certeza essas sugestões das colegas complementariam as nossas playlists!

Encerro este artigo em meio à pandemia da COVID-19, ainda em isolamento social, com ansiedades, medos, tristeza, alegria, muitas expectativas, buscando viver cada dia de uma vez, mas ao mesmo tempo fazendo leituras que esperavam para serem feitas já faz tempo, escutando muita música e ampliando o repertório com sonoridades e silêncios. Participando também de cursos e discussões *on-line* de música e de pesquisa (auto)biográfica, dentre outras reuniões em ambientes virtuais com familiares e amigos. Organizar essas tarefas, ler e analisar as narrativas dos colegas e tramar os fios desta escrita sem dúvida foram ações que me impulsionaram, me animaram e me trouxeram até esse ponto de finalizar, mesmo que temporariamente, estes escritos.

Enfatizo ainda que não tive a pretensão de esgotar as análises das narrativas dos colegas, mas sim o desejo de dialogar com o campo da educação musical na perspectiva das narrativas de si e, que possamos também retomar e retornar num futuro próximo, no nosso grupo de estudos, as leituras e discussões com essa temática das *playlists* e as narrativas (auto)biográficas.

Referências

ABREU, Delmary Vasconcelos. História de vida e sua representatividade no campo da educação musical: um estudo com dois Educadores Musicais do Distrito Federal. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação**, Campo Grande, MS, v. 23, n. 45, p. 207-227, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/intm/article/download/5080/3774> Acesso em: 19 julh.2020

ABREU, Delmary Vasconcelos. A História de vida aguçada pelos biografemas: um recorte da história de Jusamara Souza com o campo da Educação Mu-

sical. **Revista da Abem**, v. 27, n. 43, p. 150-167, jul./dez. 2019. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/856/55>. Acesso em: 10 jun. 2020.

ALMEIDA, Jéssica. Formação do educador musical: contribuições de uma abordagem (auto)biográfica. **Revista Digital do LAV** – Santa Maria – vol. 12, n. 1, p. 150-167, jan./abr. 2019. Disponível em: <http://www.abemeducacaomusical.com.br/revistas/revistaabem/index.php/revistaabem/article/view/856/55>. Acesso em: 7 junho 2020.

BOLSANELLO, Maria Augusta. Memorial acadêmico de uma professora universitária: sentido e significado. **Educar em Revista**, Curitiba, n.64, p. 317-342, abr./jun., 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00317.pdf>. Acesso em: 5 jun. 2020.

DELORY-MOMBERGER, Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 17 n. 51, p.5 23-536, set./dez. 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00317.pdf>. Acesso em: 2 jul. 2020.

FORMENTI, Laura. Auto/Biografia como teoria de si: uma interpretação epistemológica. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). **A nova aventura (auto)biográfica** – Tomo II. Porto Alegre: EDIPUC, 2018. p. 196-234.

GALLEGO PÉREZ, J. I. Novas formas de prescrição musical. In: HERSCHMANN, M. (Org). **Nas bordas e fora do mainstream musical**: Novas tendências da música independente no século XXI. Rio de Janeiro: Estação das Letras e Cores, 2011. p. 47-60.

LOURO, Ana Lúcia. Repertórios musicais, práticas pedagógicas e temas de pesquisa: reflexões sobre ensino de pesquisa e música dentro de uma abordagem (auto)biográfica. **Revista da Fundarte**, Montenegro, ano 16, n. 31, p. 8-26, jan./jun. 2016. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00317.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MACENA, Fernanda Nogueira; PAIVA, Élica Luiza. O Método (auto)biográfico como dispositivo de for-

mação na iniciação científica. **Revista Brasileira de Pesquisa (Auto)biográfica**, Salvador, v. 05, n. 14, p. 815-828, maio/ago, 2020. Disponível em:

<https://www.scielo.br/pdf/er/n64/0104-4060-er-64-00317.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2020.

MAFFIOLETTI, Leda de Albuquerque; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Significações acerca de si mesmo por meio de narrativas sobre a experiência musical. **Currículo sem Fronteiras**, v. 16, n. 1, p. 42-58, jan./abr. 2016. Disponível em: <https://www.curriculosemfronteiras.org/vol16iss1articles/maffioletti-abrahaio.pdf>. Acesso em: 7 jun. 2020.

PASSEGI, Maria da Conceição. Memoriais: injunção institucional e sedução autobiográfica. In: PASSEGI, Maria da Conceição; SOUZA, Elizeu Clementino (Orgs.) **(Auto) biografia: formação, territórios e saberes**. Rio Grande do Norte: Editora da UFRN, 2008. p. 103-131.

PEREIRA, Luciana de Araújo; SILVA, Fabrício Oliveira da; MOTA, Charles Maycon de Almeida. Reflexões de si: Experiências de escrita do memorial de formação. **Revista Educação, Cultura e Sociedade**. Sinop/MT, V. 8, n. 2, p. 510-521, jul./dez. 2018. Disponível em: <http://sinop.unemat.br/projetos/revista/index.php/educacao/article/download/3242/2285>. Acesso em: 10 jun. 2020.

SANTOS, Gustavo Luiz Ferreira. Uma revisão bibliográfica do conceito de playlist. Congresso Brasilei-

ro de Ciências da Comunicação, 40, 2017, Curitiba. Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, **Anais...** Curitiba, Intercom e ECA/USP, 2017, p. 1-15.

SOUZA, Elizeu Clementino de; OLIVEIRA, Rita de Cássia Magalhães de. Pesquisa (Auto)biográfica, cultura e cotidiano escolar: Diálogos teórico-metodológicos. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**. Rio de Janeiro, V. 2 N. Especial – p. 182-203, jun/out, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/riae/article/view/25506/0>. Acesso em: 8 jul. 2020.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues. Narrativas dos movimentos de uma tese: apresentar as entrevistadas e narrar o narrado. **OuvirOUver**, Uberlândia: UFU, v.13, n.2, p. 644-657, julh./dez., 2017. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/38838>. Acesso em: 8 jul. 2020.

TORRES, Maria Cecília de Araujo Rodrigues. Narrativas de uma professora de um curso de Licenciatura em Música: entrelaçando memórias e práticas musicais. **OuvirouVer**, Uberlândia: UFU, v. 15, n. 1, p. 72-84, jan./jun. 2019. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/ouvirouver/article/view/48231>. Acesso em: 10 maio 2020.

Recebido em: 28/07/2020

Revisado em: 12/12/2020

Aprovado em: 14/12/2020

Maria Cecília de Araujo Rodrigues Torres é professora aposentada do curso de licenciatura em Música do Centro Universitário Metodista IPA. Pesquisadora do Grupo Educação Musical e Cotidiano (EMCO) do Programa de Pós-Graduação em Música da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e pesquisadora convidada do Grupo Autonarrativas de práticas musicais (NARRAMUS), do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM). E-mail: mariaceciliaartorres@yahoo.com.br